

1

EDUCAÇÃO, DESIGUALDADES E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Elaine Conte

A INTENSA PEDAGOGIA DO VÍRUS E AS PRIMEIRAS LIÇÕES DO MUNDO DIGITAL

*Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas:
Aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo.
A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas:
Tentar saber quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.*
(Ítalo Calvino, 2015)

O texto aborda algumas correlações entre educação, manipulação e controle das tecnologias digitais em tempos de ensino remoto emergencial, influenciado pelo contexto socioeducacional, tomando por base uma experiência disparadora desenvolvida durante a pandemia e refletida por quatro produções de discentes. Para isso, lançamos mão de uma sugestiva música de Gilberto Gil, *Cérebro eletrônico* (1969), para pensarmos como as tecnologias digitais se mostram permanentemente disfarçadas (de progresso pela reprodução) e provocativas para os sentidos. Normalmente via estratégias de controlar e servir como sistema de conservação da tradição cultural associada à educação. “O cérebro eletrônico faz tudo/ Quase tudo/ Quase tudo/ Mas ele é mudo/ O cérebro eletrônico comanda/ Manda e desmanda/ Ele é quem manda/ Mas ele não anda/ Só eu posso pensar/[...]”¹.

¹ Música na íntegra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-J5gTpiI3KU> Acesso em: 10 set. 2021.

A pandemia afetou todos os campos do conhecimento humano e tornou expressivos os usos das tecnologias digitais, tendo em vista a oferta do ensino remoto emergencial, especialmente com a flexibilização do trabalho *remoto* do professor², com a intensificação e precarização do trabalho, a ascensão do fetichismo das telas e com o desenvolvimento de maquinarias (tecnológicas, científicas e informacionais) inseridas nas relações educativas, culturais, sociais e interpessoais. A esse respeito lançamos, com Duarte (2010, p. 01), a seguinte hipótese:

[...] a vida humana está exposta a toda sorte de riscos na modernidade tecnocientífica. As estatísticas são claras: se é verdade que nunca houve tamanho progresso na melhoria da qualidade de vida de muitos, também é certo que nunca antes populações inteiras estiveram sujeitas à morte em escala industrial por causa de guerras e conflitos, catástrofes ecológicas e doenças produzidas pelas condições sociais e tecnológicas em que vivemos. (...) Quanto mais avançamos na direção do futuro hipertecnológico e biopolítico a que estamos destinados, tanto mais a vida humana assume uma centralidade e uma relevância inauditas em épocas pré-modernas.

A partir dessa realidade ambígua e seguidamente encontrada em produções normativas e práticas convencionais de ensino, Bernard Charlot (2014) diz que o professor convive com estágios de desenvolvimento humano múltiplos, aceita a mudança e se esforça para transformar-se, mas, quanto mais difíceis as condições de trabalho, mais predominam os esforços para sobreviver, *esvaziando o sentido da inovação*. De acordo com a escritora Lya Luft (2004, p. 173), as dificuldades humanas para aprender a lidar com os problemas complexos da vida

² O trabalho remoto do professor pode implicar no trabalho realizado em domicílio e no trabalho realizado fora ou dentro da instituição de ensino, com a condição de manter o distanciamento físico das pessoas.

nos induzem a soluções técnicas e milagrosas: “analisamos complexas teorias, engolimos informações indigestas. Inseguros, optamos pela complicação. Aflitos, queremos que a teoria na prática sempre funcione. Como não funciona, abrem-se manuais e consultórios fáceis, ouvem-se especialistas exaustos, fazem-se cursos (...)”.

No contexto de pandemia ocorreu um desgaste emocional demasiado para os professores que foram pegos de surpresa (em uma espiral incontrolável e imprevisível), tendo a necessidade de atender às demandas da práxis e da crescente infoexclusão³, especialmente com os impactos e cobranças para a reinvenção profissional.

Falta estrutura de internet na quase totalidade das casas dos estudantes das escolas públicas e, como não poderia deixar de ser, falta estrutura adequada na casa da maioria dos professores. E aí veio o grande problema: como dar aulas *online* com esta situação? Para quem olha de fora, talvez não perceba, mas os professores sofrem quando o resultado do seu trabalho não é adequado, não é próximo daquilo que colocou como objetivo, quando não atinge a todos, enfim, quando o resultado do trabalho causa frustração. E este sofrimento e frustração podem representar geradores também de adoecimento. (SOLDATELLI, 2020, *on-line*).

Os dados e as pesquisas nesse período de pandemia são reveladores sobre a realidade complexa que tem enfrentado o professor com demandas de todas as partes (empregadores, pais e estudantes), resultando em sobrecarga de trabalho e adoecimento físico e mental. O trabalho incessante associado à sensação de controle externo e submissão a uma vigilância operacional de produtividade, traduzida em multitarefas,

³ “A infoexclusão nunca foi tão amarecente quanto durante a pandemia da COVID-19, que forçou isolamento social e interrupção temporária das aulas presenciais (a falta de acesso à internet sentenciou os estudantes a uma inexistência socioeducacional). (...) Este artigo aborda a realidade escancarada pela infoexclusão durante a pandemia e as medidas que professores tomaram para solucionar os problemas de quem vive às margens das infovias”. (CASTRO, 2020, p. 01).

torna o professor refém do próprio trabalho, gerando mal-estar e a repetição do mesmo na figura do professor máquina. A carga horária de *home office* é muito superior à do período presencial, caracterizada pelo imperativo - *Sim, eu posso* da produtividade capitalista (CRARY, 2016). O uso desenfreado da tecnologia digital (24/7) rouba inclusive os momentos de descanso, de ócio criativo e de sono do professor, quando ele se submete às diversas formas de relações ininterruptas de trabalho, abdicando ou sendo expropriado do tempo livre para a manutenção do seu emprego. Ou seja,

[...] a cabeça não desliga. Tomando banho e planejando, fazendo comida e planejando, pensando em como fazer para atingir o aluno, como produzir algo atraente. Tanta dedicação mesmo sabendo que muito pouco das atividades propostas terá retorno, em função da não ou precária conexão, pelas dificuldades que as famílias têm de orientar seus filhos, até porque não é função delas, pela falta de estrutura e ambiente para estudo em casa, entre tantos outros motivos. À carga de trabalho soma-se o fato de que agora as famílias possuem acesso ao *WhatsApp*, *e-mail*, número de telefone e tudo mais dos professores. E não por maldade, ficam em qualquer horário pedindo explicações, tirando dúvidas, pedindo orientação etc. Os professores trabalhando em casa, na grande maioria, trabalham o tempo todo. A jornada se ampliou demasiadamente. Presencialmente, explica-se, orienta-se, tira-se dúvidas, avalia-se de forma coletiva. Agora isso é feito, na maioria dos casos, de forma individualizada, o que faz com que os professores estejam o tempo todo à disposição. Esta sobrecarga de trabalho poderá potencializar os já terríveis processos de adoecimento dos professores (SOLDATELLI, 2020, *on-line*).

Soma-se a isso o fato de que o trabalho do professor é um empreendimento terrivelmente complexo e perigoso com os seus estudantes, isto é, “a matéria frágil e inflamável de suas possibilidades. Ensinar sem

grave apreensão, sem uma reverência inquietante pelos riscos envolvidos, é uma frivolidade. Fazê-lo sem se preocupar com quais podem ser as consequências individuais e sociais é cegueira” (STEINER, 2018, p. 102). Na tentativa de fugir dessas armadilhas colonialistas e simplificadoras do ensino tradicional, Steiner (2018) defende que o mestre precisa ensinar o discípulo a divergir, doando algo que no final será desprezado, ou seja, a capacidade de aprender com autonomia. Por sua vez, Antônio Álvaro Soares Zuin (2017), na obra *Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa*, apresenta uma problematização dos ritmos alucinantes e da relação entre estudantes e seus professores, chamando a atenção para o fenômeno crescente do *cyberbullying* (*bullying* virtual), um tipo de violência contra a autoridade dos professores. O desrespeito à experiência profissional e aos saberes pedagógicos ficam visíveis em situações de agressões físicas e de constrangimentos praticados por estudantes contra seus professores provocando sofrimento psíquico. Além disso, surgem outros desafios enfrentados pelos professores nessa dinâmica do mal-estar coletivo, do vazio e da falta gerada pela dispersão, hiperestimulação, fetichismo e desatenção em todas as instâncias da vida (CASTRO; FIORINI; CONTE; HABOWSKI, 2020). O tratamento dado ao professor na atualidade (das ausências e das emergências), por exemplo, está sendo relegado à categoria de proletariado, cada vez mais *commoditizado* (ANTUNES, 2018). Algumas pesquisas procedem por sistematizações da atualidade e evidenciam que há “o reforço de mecanismos disciplinares, o crescimento das desigualdades, algum otimismo com os efeitos de longo prazo e a intensificação do trabalho docente, associada com a possibilidade de contracondutas” (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 1-2).

Nessa problemática em tela, procuramos empreender uma hermenêutica do tema ao situar a compreensão do fenômeno da pandemia sob o olhar pedagógico de uma atividade disparadora⁴ que gerou a produção de trinta e três textos de discentes, dos quais quatro foram escolhidos em consonância com a questão abordada nesse trabalho. Primeiramente, discutiremos o legado da pandemia, com a preocupação de entender a ausência desse lugar da autoridade pedagógica decorrente de uma violência sistêmica e operacional. Em seguida, o enfoque se concentra na questão dos textos escolhidos que contemplam as desigualdades sociais e a perda do poder pedagógico como sintomas da incapacidade de coordenar práticas em bolhas narcísicas de um sistema operacional digital. E, por último, serão abordadas as dificuldades do professor em tornar o seu saber válido no contexto caótico e de ressurgimento da barbárie em urgências e violências externas.

O LEGADO DA PANDEMIA: AUSÊNCIAS, EMERGÊNCIAS E O DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA

Vivemos cada vez mais em bolhas digitais e em uma condição humana planetária que esquece os *sete buracos negros da educação* que são ignorados, subestimados ou fragmentados em programas educativos, conforme nos lembra Edgar Morin (2011). O trabalho do professor em relação à comunicação e à construção de conhecimentos com o outro no mundo digital está sujeito a frequentes tensões em todas as interações

⁴ A atividade foi proposta pela professora Carina Rondini e versava sobre a pandemia Covid-19, que nublou a nossa visão, respiração e os nossos sentidos *como se estivéssemos na nuvem de um computador à espera de uma ordem para seguirmos com as atividades do calendário escolar. A situação é tão caótica que a sensação é de que nunca havíamos produzido tanto sobre um tema, ainda no meio do olho do furacão. A professora lança como provocação para a escrita dos discentes: "Como será a educação pós-pandemia?" e um livro refletindo sobre "Crianças e tecnologias: paradoxos educativos" articulando-as com imagens, debates e charges ao longo do semestre.*

que coordena, levando a frustrações, *cyberbullying* e mal-entendidos. Em tempos de crise permanente, cabe lembrar:

O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não pode esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição. [...] A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos. (ARENDR, 2011, p. 245; 247).

A esse respeito, podemos observar com Hannah Arendt (1989) que a garantia dos direitos humanos (cujo fundamento seria a *humanitas*) supõe e exige a formação para a cidadania política no plano prático.

Não importa como tenham sido definidos no passado (direito à vida, à liberdade e à procura da felicidade, de acordo com a fórmula americana; a igualdade perante a lei, a liberdade, a proteção da propriedade e a soberania nacional, segundo os franceses); não importa como se procure aperfeiçoar uma fórmula tão ambígua como a busca da felicidade, ou uma fórmula antiquada como o direito indiscutível à propriedade; a verdadeira situação daqueles a quem o século XX jogou fora do âmbito da lei mostra que esses são direitos cuja perda não leva à absoluta privação de direitos (...). A calamidade dos que não têm direitos não decorre do fato de terem sido privados da vida, da liberdade ou da procura da felicidade, nem da igualdade perante a lei ou da liberdade de opinião – fórmulas que se destinam a resolver problemas dentro de certas comunidades – mas do fato de já não pertencerem a qualquer comunidade. (ARENDR, 1989, p. 327).

Isso significa dizer que privar os sujeitos da *humanitas*, a partir de Arendt, é privá-los do direito à ação e ao direito de opinarem seja por ameaças ou outras violências e controles manipuladores externos. As complexas relações entre ética e humanismo estão presentes na obra *Vidas em Risco*, de André Duarte (2010), com indícios que emergiram de debates sobre a biopolítica em novas possibilidades de vida, não mais como sujeitos submetidos às regulamentações do presente, mas alinhados por uma espécie de fratura virtual, que abre possibilidades para a liberdade, a criação e a transformação do cotidiano. Ao concordamos com o pensamento de Santaella (2009, p. 499), de que “a tecnologia é um ingrediente da cultura contemporânea sem o qual ciência, arte, trabalho, educação, enfim, toda a gama da interação social tornar-se-ia impensável”. Dito de outra forma,

Os meios do nosso tempo, neste início do terceiro milênio, estão nas tecnologias digitais, nas memórias eletrônicas, nas hibridizações dos ecossistemas com os tecnossistemas e nas absorções inextricáveis das pesquisas científicas pela criação artística, tudo isso abrindo ao artista horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade. (SANTAELLA; ARANTES, 2008, p. 39).

Em pesquisas recentes, de Saviani e Galvão (2021, p. 38), identificamos que “[...] há mais de 4,5 milhões de brasileiros sem acesso à internet banda larga e mais de 50% dos domicílios da área rural não possuem acesso à internet. Em uma realidade em que 38% das casas não possuem acesso à internet e 58% não têm computador” (ANDES-SN, 2020, p. 14)⁵. De forma geral, as tecnologias digitais são incorporadas como um

⁵ ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. *Grupo de Trabalho de Política Educacional. Projeto do capital para a educação, volume 4: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente*. 2020. Disponível em: https://issuu.com/andessn/docs/cartilha_ensino_remoto. Acesso em: 20 set. 2021.

fetichismo ou modismos pedagógicos, sem a necessária reflexão dos seus limites e possibilidades nos espaços e tempos escolares. Tal fenômeno marcado pela repetição histórica agravou-se ainda mais com a urgência da pandemia.

[...] Erving Goffman, sensível observador da vida cotidiana, cujos livros oferecem fascinante compreensão de nossas ações, escreveu sobre a importância da *figuração* ou *trabalho da face*. *Face* é definida como o valor que uma pessoa atrela a suas ações em termos dos atributos que elas demonstram. Por sua vez, aqueles com os quais se busca identificação avaliarão essas demonstrações. Um bom desempenho *profissional* é instância em que a autoestima de uma pessoa e sua posição em seu grupo podem ser reforçadas. Esses processos não são sempre conscientes, nem há necessariamente alguma ligação entre nossas intenções e os resultados de nossas ações. (BAUMAN; MAY, 2010, p. 33).

Para o trabalho pedagógico é necessário incluir e (re)conhecer todos, a fim de respaldar as relações humanas, éticas, estéticas, sociais e performativas ao desenvolvimento do pensamento criativo e curioso em ambiências da cultura escolar, que garantam o acesso, a permanência e o direito de aprender.

[...] diante do atual cenário que assola a população mundial decorrente pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), nos vimos em uma brusca mudança de paradigma – especialmente no contexto educacional – que nos obriga a transportar a realidade analógica da experiência da sala de aula para a digital. Fomos direcionados a contemplar em nossa prática pedagógica as tecnologias digitais como tradução da linguagem verbal para outras linguagens, que até pouco tempo eram projetadas como uma possibilidade, hoje sendo uma necessidade e realidade para a efetividade das ações escolares e acadêmicas no horizonte da formação permanente. Tal contexto nos evidenciou que a metamorfose docente se apresenta, cada vez mais, em

nosso fazer profissional, uma vez que a adaptação foi relâmpago, mas que precisamos, antes, trazer embutida a ideia de que para se formar é preciso também se humanizar. (SANTOS; MÉRIDA, 2020, p. 15).

Se conhecer o mundo é construir o fenômeno que será conhecido, então, cabe destacar também que estamos em plena ascensão da pobreza⁶, da desigualdade social e do desemprego no país, figuramos entre os doze países mais desiguais do mundo, conforme o relatório da transparência internacional⁷ e o Atlas do desenvolvimento humano do Brasil⁸, também, enfrentamos sérios retrocessos no combate à corrupção evidenciando que o modelo social capitalista não tem futuro (SANTOS, 2020). Entre os muitos brasis, há suspensões da percepção e múltiplas exclusões em realidades da pobreza, cujos efeitos colaterais são a produção da incompreensão e da desatenção com a formação cultural do país. De acordo com Crary (2016), distração e concentração são um contínuo incessantemente, constituem partes de um campo social em que os imperativos e forças incitam ambas, visando o desempenho da atenção no progresso inovador tão importante quanto paralisante.

Frente a tantas desigualdades circunstanciais e históricas presentes nas realidades brasileiras, adensadas com a pandemia, como criar possibilidades a partir de práticas pedagógicas justificadas no “pensamento complexo, ecologizado, capaz de relacionar, contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões da vida”? (MORIN, 2011, p. 13). No texto *Experiência e pobreza*, datado de 1935/1936, de Walter Benjamin (1985, p. 115), podemos observar reflexões sobre direito e violência

⁶ Disponível em: https://pontesocial.org.br/post-como-superar-a-extrema-pobreza?gclid=CjwKCAjwp_GJBhBmEiwALWBQkwTaWFMjDqk91_sAr5ERhETqIHbmkXmLKjio8aJbComk-vca53QPbBoC8DYQAvD_BwE Acesso em: 13 set. 2021.

⁷ Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> Acesso em: 13 set. 2021.

⁸ Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking> Acesso em: 13 set. 2021.

direcionadas sobre o fenômeno da alienação de mundo e da experiência que acontece fora do sujeito:

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem (...). A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo (...). Pois, qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? (...). Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge, assim, uma nova barbárie (...).

Por meio de entrelaçamentos investigativos, as pesquisas recentes mostram um agravamento dessa situação, especialmente pelo fato do Brasil aparecer como o *último em ranking sobre prestígio do professor* (PALHARES, 2018).

Apenas 9% dos brasileiros acreditam que os alunos respeitam os docentes e só 1 em cada 5 pais aconselharia profissão aos filhos. Percepção de falta de respeito dos alunos, salários insuficientes e uma carreira pouco segura para os jovens. É assim que a maioria da população brasileira enxerga a profissão docente e coloca o País como o que dá menos prestígio aos professores. Esse cenário foi revelado pelo Índice Global de Status de Professores de 2018, divulgado na noite desta quarta-feira, 7, pela Varkey Foundation, organização voltada para a educação. O levantamento avalia como a população de 35 países enxerga a profissão. (...) O estudo também indica que o brasileiro subestima a jornada de trabalho da profissão. A sociedade estima uma carga horária semanal média de 39 horas, ante o relato dos professores de uma média de 48 horas. (PALHARES, 2018, *online*).

Tais indícios nos remetem ao aumento do hiato da estratificação social e da previsibilidade da razão instrumental que nunca foram tão pungentes, assim como das expectativas da educação que brotam com a descrença no trabalho pedagógico somado à aversão da profissão docente pela sociedade brasileira. Conforme alerta Boaventura de Souza Santos (2002, p. 14), a partir da sociologia das ausências e do desperdício da experiência, quando uma função social é desqualificada, tornada invisível, ininteligível ou descartável (isolamento social dos infoexcluídos, por exemplo), “a produção social destas ausências resulta na subtração do mundo e na contração do presente”. Nesse ponto, o autor defende a ecologia de saberes como uma contra epistemologia, para dar voz às ausências (das aulas remotas) e ao desperdício de experiências, por meio de diversas ações pluralistas e propositivas com novas emergências do presente, que são estimuladas em contraponto à unicidade global exterior.

Cabe ao professor indagar-se como mobilizar processos de educar com as tecnologias digitais, para interpretar e ancorar experiências de aprendizagens sociais, no sentido de desenvolver as diferentes capacidades humanas e as relações com os conhecimentos da realidade.

Pensar o múltiplo e o móvel é o desafio, ser capaz de lidar ao mesmo tempo com diversas interpretações e perspectivas. Não mais pensar de modo sucessivo, mas simultâneo, compor em vez de excluir, e retomar a difícil complexidade que é viver, pensar, criar, conhecer, querer, sentir... Todas as coisas se relacionam, não há nada realmente isolado, todo gesto produz desdobramentos incalculáveis; um saber, uma escola, uma pessoa não existem sem um contexto: talvez esse seja o aprendizado social, a maturidade política de que precisamos. (MOSÉ, 2013, p. 14).

Ao situarmos nossa prática de pesquisa no contexto de uma atitude observadora, interpretativa, colaborativa e, sobretudo, crítica da realidade, poderemos pensar as contradições vigentes e em permanente transformação.

Ser Professor (a) sempre é um desafio, sejam quais forem a sociedade e o contexto. [...] As formas como se desenrola esse desafio e se vivem essas contradições são relacionadas com o contexto social e cultural. Estamos vivendo, na sociedade contemporânea, profundas mudanças na relação com o desejo e na relação com o saber. Além disso, essa sociedade está pedindo ao Professor cada vez mais coisas, muitas vezes vagas e até contraditórias. Por exemplo, o Professor deve ser construtivista em uma escola organizada para práticas tradicionais e com alunos que querem, antes de tudo, passar de ano. O que fazer? Chorar? Ou considerar que o trabalho do Professor, na sociedade contemporânea, é, ao mesmo tempo, impossível de ser feito e mais importante do que nunca. E, talvez, mais interessante... (CHARLOT, 2014, p. 1).

Em tempos sombrios e caóticos de uma realidade pandêmica, com crises permanentes⁹ de todas as naturezas, precisamos valorizar o ser humano e o trabalho do professor, quem sabe reduzir a jornada e promover qualidade de vida no processo e nos produtos do trabalho formativo.

Ser professor, contudo, e esse é o seu grande segredo, é uma paixão, e como toda paixão, mais sentida do que explicável, nasce e se mantém em função de uma atração irresistível por uma prática que não apenas dispensa, mas expulsa qualquer forma de egoísmo. Uma prática voltada para a alteridade do outro. O outro na singularidade do seu ser. Singularidades que se definem no coletivo, sem que sejam perdidos os traços irredutíveis de cada um.

⁹ Para Boaventura de Sousa Santos (2020), a atual pandemia é parte de uma crise permanente imposta pelo sistema capitalista neoliberal, que vem legitimando a *escandalosa concentração de riqueza e boicotando medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica*.

(...) a pandemia, com tudo que ela trouxe de temores, dores, dúvidas, ansiedades, angústias e incertezas, não levou os professores a cederem ou se afastarem um dedo de seus papéis. Enfrentaram o touro a unha. Em tempo recorde, mesmo aqueles que não dispunham de familiaridade com os meios digitais, buscaram um caminho para continuar, para encontrar uma fenda na realidade adversa por onde passar a voz da transmissão, ponto de encontro entre quem ensina e quem aprende, muitas vezes em trocas reversas. Em um contexto insalubre, à beira do colapso, confusões no Ministério da Saúde repercutindo em todos os outros âmbitos e certamente caindo meteoricamente também na Educação, veste como uma luva a frase que costumo repetir de que, para ser professor neste país, é preciso ter um certo parentesco com os bêbados, os loucos e os santos. Embora em situações mais habituais a frase pudesse soar como uma hipérbole, exagero retórico, ela encontrou sua exatidão em tempos de pandemia. No prazo de horas ou poucos dias, possíveis ferramentas e meios começaram a ser vasculhados e suas aplicações, viabilidade e adaptações à diversidade de contextos, avaliadas. Em muito pouco tempo, soluções emergenciais do universo digital vieram à tona, cada uma escolhida de acordo com as circunstâncias e disponibilidade: *Moodle*, *Teams*, *Zoom*, *Meet* e até mesmo o *Whatsapp*. A aprendizagem não pode parar, esse é o mote. (SANTAELLA, 2020, p. 18-19).

Algumas situações educacionais ambíguas (de esperanças e desalentos) vividas por professores durante a pandemia nas escolas e universidades brasileiras são apresentadas no livro *Imagens do pensamento: sociedade hipercomplexa e educação remota* (HABOWSKI; CONTE, 2020). Tais mudanças nas formas de organização da educação são assim sintetizadas por Santaella (2020, p. 21):

De fato, entre a presença remota, que é uma presença paradoxal, metonímica, da parte pelo todo, e a presença plena do estar com o outro nas vicissitudes do aqui e agora, interpõem-se distinções semióticas cruciais. Na comunicação presencial, face a face, mesmo que a uma distância de dois ou três metros, vários canais perceptivos entram em ação, pois estão

também agindo vários sistemas de signos: olhar, paisagens do rosto, tensão ou distensão da postura corporal, gestualidade, timbre, entonação e volume da voz, ritmo e cadência da fala em sincronia com a corporalidade, prontidão ou lentidão reativa etc. Enfim, o que se tem aí, no calor da presença, é um concentrado turbilhão de signos e sinais que, inclusive, acionam reações afetivas e emocionais. Na situação *online*, tudo isso fica reduzido à imagem enquadrada em um caixote visual e à voz maquinal, às vezes uma ou outra. Isso aumenta a tensão comunicacional porque a naturalidade do enxame semiótico, que funciona de modo intuitivo e sincrônico, fica, até certo ponto, perdida.

Embora muitos brasileiros não precisam mais sair de casa para trabalhar, para estudar, para comprar, para conhecer lugares, bibliotecas, comidas, outros países e pessoas, nestes tempos e espaços de utilização digital incessante, temos a sensação de cansaço e de um (hiper)controle externo nos modos de ver, fazer e de ser professor. Para Boaventura Santos (2020, p. 27), “a privatização dos bens sociais coletivos, tais como a saúde, a educação, a água canalizada, a eletricidade, os serviços de correios e telecomunicações e a segurança social, foi apenas a manifestação mais visível da prioridade dada à mercantilização da vida coletiva”. Há uma tênue fissura entre a educação contra a exclusão digital¹⁰. William Bogard (1996) constrói uma *projeção científica social* de como a revolução tecnológica de simulação reconfigura e intensifica o papel da vigilância na guerra, no trabalho e na vida privada, permitindo formas de controle social que realizam nossa experiência de tempo e espaço. Aliás, nada escapa ao aparato da vigilância do espaço doméstico, de modo que a empresa coloniza a privacidade do tempo livre, ou seja, o professor

¹⁰ Sobre a exclusão digital e a precarização do ensino ver: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/06/exclusao-digital-e-precarizacao-do-ensino-as-dificuldades-da-educacao-a-distancia> Acesso em: 13 set. 2021.

multitarefas dos tempos produtivos possui uma jornada de trabalho estendida e informal não-remunerada para realizar suas atividades, assim como a cultura de massa¹¹. Com a flexibilidade laboral e a possibilidade de serem ampliados espaços e tempos graças às novas tecnologias digitais, os professores acabaram reféns de um sistema operacional controlado.

DESIGUALDADES SOCIAIS E A PERDA DO PODER PEDAGÓGICO HUMANIZADOR

Na forma como se estrutura a cena das desigualdades sociais, das crises e da proletarização do trabalho do professor, por mecanismos de controle, somado ao desrespeito na cultura digital com a pandemia, em dados numéricos de infoexclusão e de responsabilidade individual frente aos quadros de popularização da barbárie. É preciso redimensionar os limites que nos são impostos na relação da educação com as violências socioculturais, que mobilizam *uma espécie de hibridismo combinado a ações verticalizadas, condicionadas e hierárquicas voltadas à proletarização do exercício profissional*.

São muitos os livros e artigos que questionam a perda de status do professor, porém são raras as publicações que a ligam à questão geracional da violência do ponto de vista da biopolítica. Geralmente as investigações indicam como mote desse fenômeno as condições precárias de trabalho, o desprestígio da carreira e os baixos salários dos docentes, bem como a perda dos vínculos familiares dos estudantes que repercutem na escola. Sem desconsiderar a relevância de tais situações, bastante ordinárias nas escolas públicas brasileiras atualmente, nos sentimos provocados (...) a pensar a

¹¹ A cultura de massa é “um apego antes às superfícies do que às raízes, à colagem em vez do trabalho em profundidade, a imagens superpostas e não às superfícies trabalhadas, a um sentido de tempo e de espaço decaído em lugar do artefato cultural solidamente realizado” (HARVEY, 2007, p. 61-63).

crise da autoridade docente e a eclosão da violência na escola em linha direta com a incompreensão da vivência democrática da educação. Ou seja, a forma como o movimento de descentralização da figura do professor para a centralidade do aluno, que impactou em relações horizontais e mais democráticas nas escolas, pode estar ligado à abertura da porta para a crise da autoridade do professor e, por consequência, para a violência. (TREVISAN, 2021, p. 13).

No que diz respeito mais especificamente aos propósitos deste texto, descrevemos a seguir os percursos de quatro escritas de discentes pensadas durante o ensino remoto emergencial, destacando esses registros como estratégia formativa para testemunhar e tornar visível os saberes e elaborações coletivas desenvolvidas neste cenário. As percepções dos quatro textos construídos por discentes contemplam os seguintes títulos que têm em comum o diagnóstico do presente, a preocupação com a justiça social e a defesa de que a escola é o reflexo da sociedade em crise: *Tecnologia e educação: o aprofundamento das desigualdades sociais* (Discente **Bárbara Maria Costa Silva**); *Investir para uma educação de qualidade* (Discente **Silvia Regina Cassan Bonome Vanzelli**); *A inovação do Ensino e a Desigualdade Educacional: uma contradição em crescimento* (Discente **Gabrielly Silva de Mendonça**); *Quando o caos da pandemia passar, quem terá maior força – os velhos hábitos da escola tradicional ou os novos ensinamentos da escola na pandemia Covid-19?* (Discente **Fabiana Aparecida Menegazzo Cordeiro**). De acordo com Arendt (2011, p. 239),

A escola representa em certo sentido o mundo, embora não seja ainda o mundo de fato. Nessa etapa da educação, sem dúvida, os adultos assumem mais uma vez uma responsabilidade pela criança, só que, agora, essa não é tanto a responsabilidade pelo bem-estar vital de uma coisa em crescimento

como por aquilo que geralmente denominamos de livre desenvolvimento de qualidades e talentos pessoais. Isto, do ponto de vista geral e essencial, é a singularidade que distingue cada ser humano de todos os demais, a qualidade em virtude da qual ele não é apenas forasteiro no mundo, mas alguma coisa que jamais esteve aí antes.

É justamente nesse horizonte de sentido e de interpretação da realidade que os quatro ensaios dos discentes mostram olhares acurados, críticos e lúcidos para pensar na educação política, ética e estética da atualidade, bem como para projetar o futuro da educação brasileira frente à marginalização da escola e o descaso humano em tempos de pandemia. Abaixo transcrevemos algumas posturas dos discentes, vejamos as sínteses:

O que a pandemia fez foi dar mais forças para as Organizações não governamentais (ONGs) compostas por membros da educação privada e de empresas educacionais (como a Kroton) que defendem o ensino a distância nas universidades e na educação básica, reduzindo a discussão somente ao ensino (entendido como mera transmissão de conhecimento), sem considerar a complexidade que envolve o espaço pedagógico e a produção do saber (...). Considerando que vivemos em uma sociedade de classes, onde as desigualdades sociais são estruturais desse sistema, essa modalidade de ensino só intensifica as desigualdades, tirando o direito da classe mais pobre à educação gratuita e de qualidade (...). (Reflexão da discente Bárbara Maria Costa Silva).

Assim, quando o caos da pandemia passar, se a escola não souber e conseguir superar os velhos problemas acima citados, que já há muito tempo assola a educação no Brasil e que apenas vieram mais à tona pela crise instalada pelo Covid 19, não sei qual força prevalecerá, mas sei que a qualidade da educação continuará a perecer! Aqui novamente acredito na força da mediação, da intencionalidade pedagógica dos usos de ferramentas velhas e das novas para a efetiva transformação da educação de qualidade e emancipadora de pessoas. (Reflexão da discente Fabiana Aparecida Menegazzo Cordeiro).

A educação básica, pública e privada, se viu obrigada a se reinventar e a implementar o ensino remoto em suas metodologias e práticas pedagógicas (...). Isso nos traz diversas questões a serem consideradas, como a importância da socialização no desenvolvimento infantil e na apropriação do conhecimento, a exaustão de educadores ao uso excessivo da tela, a intensificação do uso da tela por crianças e jovens, entre muitos outros fatores preocupantes e passíveis de discussão que essa nova perspectiva nos traz. (Reflexão da discente Gabrielly Silva de Mendonça).

Embora muitos tenham contato com os meios de informação fora da escola, percebe-se que as escolas públicas ainda não estão preparadas tecnologicamente para isso, já que possuem aparelhos sucateados, geralmente ultrapassados, ou quando são modernos, se apresentam em quantidade inferior ao necessário, além de pouca ou nenhuma conexão com internet, o que coloca o Brasil na quinta menor colocação entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, no que tange tecnologias no ensino (...). (Reflexão da discente Sílvia Regina Cassan Bonome Vanzelli).

Nesses trechos surgem questões que são de extrema relevância para pensarmos a educação, considerando as aproximações de temas como biopolítica, biotecnologia, sociedade de risco, vidas destruídas pelo capital, suspensões da percepção, incompreensão coletiva, violências e condicionamentos na mídia contemporânea brasileira. Para analisar as diferentes perspectivas, recorreremos à obra *A cruel pedagogia do vírus* que lança uma série de perguntas quanto ao regresso à normalidade e alternativas de articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios, a saber:

Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Desaparecerá o Estado de exceção que foi criado para responder à pandemia tão rapidamente quanto a pandemia? Nos casos em que se adotaram medidas de proteção para

defender a vida acima dos interesses da economia, o regresso à normalidade implicará deixar de dar prioridade à defesa da vida? Haverá vontade de pensar em alternativas quando a alternativa que se busca é a normalidade que se tinha antes da quarentena? Pensar-se-á que esta normalidade foi a que conduziu à pandemia e conduzirá a outras no futuro? Ao contrário do que se possa pensar, o imediato pós-quarentena não será um período propício a discutir alternativas, a menos que a normalidade da vida a que as pessoas quiserem regressar não seja de todo possível. Tenhamos em mente que, no período imediatamente anterior à pandemia, havia protestos massivos em muitos países contra as desigualdades sociais, a corrupção e a falta de proteção social. Muito provavelmente, quando terminar a quarentena, os protestos e os saques voltarão, até porque a pobreza e a extrema pobreza vão aumentar. Tal como anteriormente, os governos vão recorrer à repressão até onde for possível, e em qualquer caso procurarão que os cidadãos baixem ainda mais as expectativas e se habituem ao novo normal. (SANTOS, 2020, p. 29-30).

Na modernidade estar privado do direito ao trabalho é estar privado da própria existência e quando parece impossível aliviar a miséria política, social e econômica surgem as violências colonizadoras em soluções totalitárias de poder (ARENDR, 1989). Tudo indica que “[...] a atual tecnologia do poder é capaz de ameaçar a distância aqueles cujo comportamento deve ser regulado”, ampliando o espaço de manipulação e obscurecimento da cultura digital em escala global (BAUMAN; MAY, 2010, p. 128).

[...] o que temos é uma crítica que se faz continuamente, que não se submete ao cinismo da adesão cega ao presente nem se transforma em apatia resignada, pois, ao provocar o estranhamento dos padrões e modelos de experiência da modernidade, acaba por iluminar aspectos e dimensões insuspeitados em que a vida contemporânea se mostra capturada por poderes

objetivadores e destruidores. Simultaneamente, abrem-se também novos espaços de resistência no pensamento e na ação. (DUARTE, 2010, p. 8).

A escola em tempos de pandemia foi se deixando levar pelas tecnologias externas para a produção do conhecimento e para garantir a interação humana adaptada pela cultura global, aqueles que não aderiram a essa onda digital foram excluídos ou isolados da coexistência pedagógica. Os estudos realizados nos levam a entender que são muitos os impasses e as incertezas da escola no mundo contemporâneo, especialmente no que diz respeito à formação e ao trabalho educativo no contexto neoliberal, mas de nada adianta vivenciarmos os problemas se não pudermos questioná-los e superá-los. “As inovações tecnológicas podem permitir maior controle, mas com que consequências e para quem? De que maneiras as novas tecnologias estão direcionando e formatando nossa vida?” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 181). Precisamos aprender com as experiências e evitar o retorno do mesmo, a repetição de barbáries coletivas por meio de um mundo artificial de coisas. Tais análises sobre as contradições vigentes sustentam as seguintes perguntas:

A quem interessa que a educação seja apenas mais um item da cultura de massa e da indústria cultural? Quem lucra, do ponto de vista econômico, com a fabricação desses recursos? Quem lucra, social e politicamente, com seu uso? A quem interessa que a democratização da cultura seja sinônimo de massificação, de tal modo que o *direito igual de todos à educação* se converta automaticamente na suposição de que para ser um *direito igual* a educação deva reduzir-se à vulgarização dos conhecimentos através dos *media*? [...] O recurso audiovisual tende a transformar a igualdade educacional em nivelamento cultural pelo baixo nível dos conhecimentos transmitidos. (CHAUÍ, 1980, p. 32-33).

Se hoje acentuam-se ainda mais as desigualdades sociais, econômicas e de acesso ao ensino, favorecendo a nefasta necropolítica em curso, com projetos de superexploração do trabalho e diminuição de condições básicas de sobrevivência em tempos de pandemia, de direitos humanos à vida digna, de supressão de direitos ou espoliações trabalhistas ao desenvolvimento humano e aos sentidos da educação. Tal situação é reflexo também da relação digitalizada e desumanizada que intensificou a individualização e a concorrência em tempos de crise, valorizando o mundo virtual em detrimento do mundo real das experiências (HARVEY, 2007). Aliás, na urgência do ensino remoto emergencial, os professores de todas as modalidades “acabaram arcando com os custos e prejuízos de saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho” (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 39).

Como já dito nos próprios trabalhos dos discentes, Saviani e Galvão (2020; 2021) afirmam que as tecnologias não devem ser inseridas nos ambientes educativos como mais uma funcionalidade instrumental ao processo de produção e alienação cultural, mas como experiência educativa mobilizadora à leitura crítica da realidade, das relações sociais nos mundos do trabalho e da vida cotidiana. Mas como atuar face às desigualdades, às violências, às deseducações e às desatenções humanas no cenário da educação vigente?

Em um contexto epidêmico de saúde pública, a comunicação é primordial para manter informada a sociedade sobre a atual situação de distanciamento físico e as medidas necessárias para controlar a pandemia. (Ainda, como forma de) trazer uma contribuição para que os professores e a comunidade possam refletir sobre as distorções da linguagem digital e as informações errôneas vinculadas à questão das *fake news* em meio aos

multiletramentos digitais. Finalmente, são tecidas considerações sobre os multiletramentos digitais como uma forma de diálogo pedagógico, que envolve a mobilização de um conjunto de letramentos e práticas sociais entrecruzadas de forma mútua e sensíveis aos contextos vitais como condição para o enfrentamento das *fake news* na educação, para reconhecer, compreender e revisar as manifestações, perplexidades e banalidades recentes. (HABOWSKI; CONTE, 2020, p. 25).

Em produções recentes, podemos interpretar os efeitos perversos das comunicações distorcidas e das informações falsas produzidas em massa pela indústria cultural. Tudo isso enfraquece e sabota o potencial humanizador do trabalho do professor. Como mencionam Habowski, Conte, Pugens (2020), o professor precisa estar preparado para desafiar os estudantes, por meio das tecnologias digitais, mas como forma de ampliação de leituras de mundos e não transformando-as em instrumentos de repetição de violências, de colonização cultural, de deseducação geral e falta de apreço pela vida.

A evolução da comunicação precisa ser acompanhada por uma abordagem crítica dos letramentos digitais que engloba todas as práticas sociais construídas, disseminadas e selecionadas culturalmente, para não impulsionar notícias falsas. Participar das práticas digitais e sociais supõe desenvolver pesquisas com a pluralidade de experiências comunicativas, de letramentos críticos enquanto elementos imprescindíveis para um projeto educativo de revisão das ambiências de uma realidade global que populariza as notícias falsas. (HABOWSKI; CONTE, 2020, p. 48).

Os pontos mencionados pelos discentes apontam ainda para outras questões como de distorção dos valores e da finalidade da escola que é de garantir a humanização e a transmissão do conhecimento cultural, historicamente validado. Para tecer relações com as experiências

culturais, lançar olhares e prognósticos diante dessas aporias, necessitamos recorrer às grandes referências da história que, de forma corajosa, nos lembram que o trabalho do professor é um exercício incabado e exige novas pedagogias, metodologias, didáticas, enquanto saberes necessários à prática educativa e à construção da autonomia profissional (FREIRE, 1996; NÓVOA; VIEIRA, 2017). Cabe lembrar, ainda, acerca dos saberes profissionais que foram opacificados e que demandam o fortalecimento das dimensões formativas, conforme aponta Vasconcellos (2011, p. 33):

A formação dos educadores é uma demanda constante. Se a formação ao longo da vida é, em função dos avanços teóricos e práticos, uma exigência em qualquer campo profissional no caso dos educadores de profissão, ela se torna especial por, pelo menos, três razões. A primeira refere-se à enorme complexidade de nossa atividade (uma das mais exigentes do ser humano, quando exercida no seu autêntico sentido), com o agravante da sua recente crise de sentido, como decorrência da queda do mito da ascensão social por meio do estudo (esta crise se traduz na pergunta sincera do aluno: *Professor, estudar para quê?*). A segunda diz respeito à crescente demanda da sociedade em relação às atribuições da escola (trânsito, consumo, drogas, doenças sexualmente transmissíveis, violência, gravidez na adolescência, ecologia). Por fim, a terceira está representada pela frágil formação inicial dos educadores, tanto pela qualidade da formação frequentemente disponibilizada, quanto pela falta de interesse do acadêmico na sua formação, reflexo, entre outras coisas, da vivência curricular, logo no início do Ensino Fundamental, marcada pelo *Imprinting* Escolar Instrucionista (...).

Contudo, é muito difícil pensar como serão os novos rumos, ambiências e tempos educativos após a pandemia, mas a partir destas ideias podemos vislumbrar as redes de possibilidades formativas da educação do futuro, para não perdermos de vista sua função social da escola de

formação cultural e crítica, tendo como prioridade conduzir a garantia dos direitos humanos, a inclusão educacional de todos e a emancipação coletiva na sociedade.

[...] os professores devem saber reagir às situações do dia a dia, à imprevisibilidade dos acontecimentos pedagógicos. Mas, atenção: *para conseguirem estar à altura do momento têm de estar muito bem preparados.* (...) o imprevisto, a capacidade de resposta, necessita de muita preparação. Não se trata de defender um planejamento fechado, uma concepção racionalizadora do ensino, mas, bem pelo contrário, de reconhecer a necessidade de construir um repertório pedagógico que, na altura própria, permita uma resposta pedagógica adequada. Hoje, a construção deste repertório depende, e muito, de uma reflexão em equipe. A profissão só se completa num trabalho conjunto com outros professores. (NÓVOA; VIEIRA, 2017, p. 37).

Para Santos (2020, p. 21), a pandemia afeta as condições de trabalho de todos, especialmente dos profissionais da saúde e da educação, e “não só torna mais visíveis como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas [as pandemias] provocam”. Nesse período, muitos professores sofreram violências e ameaças institucionais de demissão, até os sindicatos dos professores impetraram acordos com as instituições particulares para evitar demissão em massa, negociando propostas em favor da redução de salários. Tudo isso somado à sobrecarga de trabalho (várias disciplinas) dos professores, com números de estudantes acima da média em turmas criadas em ambiências digitais, condições de trabalho e salários aviltantes, pressões para estarem presencialmente nas escolas, etc. Tudo indica que muitos professores sofreram violências e alguns perderam a própria vida, para garantir o sustento e para manter a continuidade das aulas regulares.

NOTAS CONCLUSIVAS

Como vimos até aqui, não há como fugir do fato de que a escola é um dos lugares mais afetados pela *cruel pedagogia do vírus* (a ponto das tecnologias autoimpulsionar novas demandas e diminuïrem a independência do fazer, ver e ser professor em situações de trabalho), e da *banalização da violência nas escolas como um dos subprodutos da perda da autoridade do professor* (SANTOS, 2021; TREVISAN, 2021). Disto segue o problema do crescimento das mídias eletrônicas e das comunicações, identificado Marshall McLuhan, no fato de que “não podemos escapar do abraço da nova tecnologia a menos que escapássemos da própria sociedade e, assim, ao abraçar todas essas tecnologias, inevitavelmente nos relacionamos com elas como *servomecanismos*” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 171-172). Tal definição está alinhada com o raciocínio de Santos (2020, p. 28): “estou certo de que nos próximos tempos esta pandemia nos dará mais lições e de que o fará sempre de forma cruel. Se seremos capazes de aprender é por agora uma questão em aberto”. O debate acerca da questão da autoridade pedagógica no cenário caótico da pandemia indica que “[...] a hermenêutica e a formação cultural (*Bildung*) deveriam andar juntas e fazer parte dos processos formativos do ser professor. Afinal, sem educação e cultura, somos animais que se comportam como rebanhos e as redes sociais aí estão para comprovar este fenômeno” (TREVISAN, 2021, p. 15-16).

Somente quem sabe que a educação se encontra em crise e a própria vida em risco poderá desafiar-se a pensar e a viver de outro modo, tarefa que implica o desocultamento do poder funcionalista, em tempos de terror rotulados por tecnologias digitais, para a potencialização das capacidades humanas (DUARTE, 2010). Como escreveu Marshall

McLuhan, se compreendemos as formas pelas quais as tecnologias digitais transformam nossas vidas, “podemos nos antecipar a elas e controlá-las; porém, se continuamos em nosso transe subliminar autoinduzido, seremos seus escravos” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 195). Enquanto perdurarem as confusões sistemáticas de discursos nas redes eletrônicas, a produção de homogeneidades massivas, a autonomização do controle digital (*Deus ex machina*), a depreciação e descarte do outro, permaneceremos na análise de nosso tempo de mal-estar no trabalho educativo, sob a forma de imposição de uma atividade frenética para a produção excitada no presente. O compromisso da educação é com a desbarbarização da sociedade e em favor de um devir humanizador, dialógico, solidário, e isto só poderá ser despertado com a educação questionadora, crítica, do trabalho e da amorosidade (SEVERINO, 2006).

Na *sociedade excitada* pela pandemia, o trabalho do professor se tornou uma luta constante frente aos estímulos sensoriais, técnicos das mídias e das redes virtuais, o que tem provocado superestimulação (ritmos alucinantes de trabalho) e colocado em risco inclusive as promessas formativas de provocar o pensar inquieto no trabalho coletivo com o outro. Cabe notar que em meio às lutas de fronteira que contestam as diferenças artificiais (porque não dão conta da complexidade das relações socioeconômicas das opressões, dos conflitos simbólicos e da injustiça cultural), ainda há uma espécie de *anestetização do real*, dos contextos e da sensibilidade comunicativa, por estarmos vivendo como meros espectadores isolados (TÜRCKE, 2010). Se não é possível abandonar a ordem funcionalista do trabalho do professor com os sujeitos (assujeitados e críticos) através da razão instrumental, é necessário a articulação com a expressividade de mundo dos sujeitos em práticas culturais para combater qualquer tipo de totalitarismo, lançando ações

descentradas do conhecimento na busca por reconhecimento das diferenças, de um recomeçar na ação e na fala, para a construção de aprendizagens sociais e melhoria da vida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARENDT, Hannah. A Crise na Educação. In: **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARENDT, Hannah. O declínio do Estado-nação e o fim dos direitos do homem. In: **Origens do totalitarismo**: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I - Magia e técnica. Arte e Política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOGARD, William. **The simulation of surveillance**: Hypercontrol in telematic societies. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CASTRO, Carla; FIORINI, Vanessa; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. A prática de cyberbullying contra professores: a autoridade em tempos de concentração dispersa. **Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco**, v. 10, n. 22, p. 708–717, 2020.
- CASTRO, Sirlene Rodrigues Ferreira. A infoexclusão escancarada pela COVID-19 e as atitudes professorais na perspectiva da sociologia das ausências e emergências. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 6, Edição Especial Desafios e avanços educacionais em tempos da COVID-19, p. 1-15, e155020, 2020.

- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. Educação e Sociedade, Campinas, n. 5, p. 24-40, 1980.
- CRARY, Jonathan. 24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- DUARTE, André. Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRA, Carlos Roberto Santos. Tecnologia nas Escolas Estaduais: breves reflexões. Revista Psicologia & Saberes, v. 9, n. 19, p. 123-137, 2020.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; PUGENS, Natália de Borba. Crianças tecnologias: paradoxos educativos. In: HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. (orgs.). Crianças e tecnologias: influências, contradições e possibilidades formativas. São Paulo: Pimenta Cultura, 2020. p. 14-42. DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.352.14-42
- HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. *Fake news*, pandemia e os multiletramentos digitais. In: HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine (orgs.). Imagens do pensamento: sociedade hipercomplexa e educação remota. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 24-52.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2007.
- LUFT, Lya. Pensar é transgredir. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.
- MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- NÓVOA, António; VIEIRA, Pâmela. Um alfabeto da formação de professores. Crítica Educativa, v. 3, n. 2, p. 21-49, 2017. DOI: 10.22476/revcted.v3i2.217.

- PALHARES, Isabela. Brasil é o último em ranking sobre prestígio do professor. Terra, 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/brasil-cai-para-ultima-posicao-emranking-sobre-prestigio-doprofessor,ffc892ab8dcc786fa7a30f2e461e820ajhe9xpst.html>
- PINHEIRO, Rafael. Como será a educação pós-pandemia? *Direcional Escolas*, v. 16, n. 159, p. 20-24, 2020. Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/revistas/educacao-159-junho-e-julho-2020/>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem não pode parar. In: HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine (orgs.). **Imagens do pensamento: sociedade hipercomplexa e educação remota**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 17-22.
- SANTAELLA, Lúcia. A Semiose da Arte das Mídias, Ciência e Tecnologia. In: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (orgs.). **Estéticas Tecnológicas: Novos Modos de Sentir**. São Paulo: Editora PUCSP, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Editora Almedina, 2020.
- SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos; MÉRIDA, Esther Caldiño. Prefácio. In: CONTE, Elaine. **Educação permanente e inclusão tecnológica**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. <https://www.pimentacultural.com/educacao-permanente>
- SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v15.16289.094>
- SAVIANI, Dermeval. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação – o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, Santarém, v. 10, p. 01-25, e020063, 2020.
- SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do ensino remoto. **Universidade e Sociedade**, ano XXXI, n. 67, jan. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: Tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006.

SOLDATELLI, Rosângela. Processo de adoecimento de professores amplia durante pandemia. **Esquerda Marxista. Corrente Marxista Internacional** [online], 2020. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/processo-de-adoecimento-de-professores-amplia-durante-pandemia/>. Acesso em: 24 set. 2021.

STEINER, George. **Lições dos mestres**. Tradução Maria Alice Máximo. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Autoridade, Violência e Educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 32, p. 1-23, e20190016, 2021.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Tradução Antonio Zuin *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Prograd. Caderno de Formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 33-58.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Cyberbullying contra professores**: dilemas da autoridade dos professores na era da concentração dispersa. São Paulo: Edições Loyola, 2017.